

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

*“Assim que deixamos a borda da floresta, uma saraivada de balas assoviou junto aos nossos narizes e atingiram árvores atrás. Cinco ou seis gritaram perto de mim, cinco ou seis de meus companheiros caíram na grama (...) O fogo parecia vir de longa distância, um pouco à esquerda (...) E lá estávamos nós, avançando como se estivéssemos em um desfile (...) em direção a um metálico som de marteladas, seguido por uma pausa e, então, por marteladas ainda mais rápidas, metralhadoras”.*³³

Relato de um oficial alemão, sobre um assalto a uma posição britânica.

Nos primeiros anos do século XX, um conflito de proporções mundiais parecia pouco provável para a maioria dos europeus. As populações das principais potências da Europa vivenciavam um período de paz, prosperidade econômica, desenvolvimento cultural e avanços científicos, conhecido na França como “Belle Époque”. Havia percepções de se estar fazendo parte de uma realidade produtiva e de um futuro promissor. Tal contexto decorria de diversas razões: a última guerra de vulto na Europa fora a Guerra Franco-Prussiana (1870-71); o cinema, o impressionismo e a “Art Nouveau” difundiram-se, revolucionando estilos de se pensar e viver; e novas tecnologias propiciavam o advento de notáveis invenções, como as do avião e do rádio.

Embora os Estados Unidos já fossem uma potência de primeiro nível, o domínio global era exercido por países europeus: o Império Britânico possuía vastos territórios em todo o mundo e uma pujante atividade comercial; o Império Russo estendia-se por dois continentes e, paulatinamente, desenvolvia seu imenso potencial industrial; a Alemanha era a maior nação industrializada do continente e progredia aceleradamente; e a França tinha diversas colônias e um comércio próspero.

Entretanto, um observador mais atento perceberia que, na Europa, aconteciam eventos que poderiam redundar em uma grande crise.

Havia uma crescente corrida armamentista, por meio da qual os países buscavam sobrepular ou, pelo menos, equiparar seu poder militar ao dos potencialmente rivais. A Inglaterra e a Alemanha, por exemplo, considerando vital o domínio dos mares em caso de um conflito, intensificaram a construção de navios; uma para manter sua hegemonia nos mares, a outra para poder fazer frente à primeira.

³³ apud KEEGAN, 2005, p.110.

Na esfera econômica, a Alemanha tornara-se a principal potência industrial europeia, o que era visto como uma ameaça pela Inglaterra e França, que se viam perdendo espaço na economia mundial. O projeto do governo alemão relativo à construção de uma ferrovia ligando Berlim a Bagdá contribuía para acirrar os ânimos, já que esta obra colocaria os imensos lençóis petrolíferos do Oriente Médio à disposição da Alemanha.

Existiam disputas imperialistas entre as nações europeias, sempre ávidas de aumentar seu prestígio e seu comércio internacional. Em 1905, por exemplo, ocorreu uma crise diplomática entre países europeus em virtude de interesses conflitantes em relação ao Marrocos. A Inglaterra e a França fizeram um pacto pelo qual os ingleses reconheciam o direito da França controlar o Marrocos; em contrapartida, os franceses concordavam com o domínio pleno da Inglaterra sobre o Egito. Tal acordo foi contestado pelo governo alemão, que se mostrou disposto a defender o Marrocos de interferências estrangeiras. Após negociações, um ambíguo tratado reconheceu a soberania do Marrocos, sendo, no entanto, resguardados os interesses da França naquele país.

Havia também um clima de fervor nacionalista e de hostilidade entre os países. Isso era explorado por órgãos sensacionalistas e líderes governamentais, que lembravam incessantemente aos cidadãos ou súditos as glórias das guerras vencidas, os desapontamentos dos reveses sofridos e os objetivos nacionais a serem alcançados. Em consequência, os franceses desejavam ardentemente vingar-se da derrota na Guerra Franco-Prussiana e recuperar a Alsácia e a Lorena; os italianos esperavam anexar a seu país as “terras irredentas” (territórios que diziam lhes pertencer legitimamente); um movimento pangermânico lutava pela unificação dos povos germânicos; e um movimento pan-eslavista pretendia unificar os povos eslavos dos Bálcãs em uma “Grande Sérvia”.

Ainda havia estados, como os Impérios Austro-Húngaro e Russo, que tinham graves problemas sociais, econômicos e políticos. Para muitas lideranças desses países, uma guerra poderia levar à união nacional, possibilitando a superação das crises internas.

Para agravar a situação, diplomatas, seguindo orientação de seus governantes, estabeleceram, por meio de acordos secretos, intrincados sistemas de alianças. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, os países europeus, de acordo com seus objetivos nacionais, estavam alinhados em dois blocos antagônicos: a Tríplice Aliança, formada pela Alemanha (buscava manter a supremacia no continente e tornar-se política e maritima-mente a nação preponderante no globo), Império Austro-Húngaro (almejava implementar uma política de hegemonia sobre os Bálcãs) e Itália (entrara na aliança por haver tido atritos coloniais com a França, mas estes, em grande parte, estavam resolvidos); e a Tríplice Entente, formada pela França (visava reconquistar a Alsácia e a Lorena e restabelecer sua supremacia no continente), Império Russo (temia um avanço alemão ou austro-húngaro para o leste europeu, almejava absorver os Bálcãs e procurava uma saída para o mar Mediterrâneo) e Inglaterra (desejava conter o expansionismo alemão). Outros estados europeus, de menor força, gravitavam em torno desta ou daquela aliança, de acordo com seus interesses e conveniências.

A situação era particularmente preocupante nos Bálcãs, área ambicionada por russos e austro-húngaros, onde, a partir da terceira década do século XIX, gregos, sérvios, montenegrinos, romenos, búlgaros e albaneses erigiram países em detrimento do decadente Império Otomano. A região estava convulsionada, em virtude de os países locais buscarem ampliar seus territórios. Tal fato causou duas guerras curtas nos anos de 1912 e 1913, cujas principais consequências foram o surgimento da Albânia e a expansão territorial do Reino da Sérvia.

O fortalecimento do Reino da Sérvia, que era apoiado pelo Império Russo (ambos de população eslava), preocupava o Império Austro-Húngaro (formado por diversas etnias, governado por soberanos germânicos), que era respaldado pelo Império Alemão (nação germânica). Tal preocupação existia porque líderes nacionalistas sérvios, tendo em vista formar uma “Grande Sérvia”, esperavam anexar os territórios austro-húngaros da Bósnia-Herzegovina (área habitada predominantemente por eslavos). Para fazer frente a essa ameaça, o arquiduque Francisco Ferdinando, futuro Imperador Austro-Húngaro, pretendia transformar o império dual austro-húngaro em um estado tríplice austro-húngaro-eslavo, o que, para ele, poria fim a qualquer ideia separatista de seus súditos eslavos.

No dia 28 de junho de 1914, Francisco Ferdinando resolveu visitar Sarajevo, capital da Bósnia, fato visto por muitos sérvios como uma afronta. Durante sua estada, o arquiduque sofreu um atentado que resultou em sua morte. Gavrilo Princip, um estudante bósnio, autor dos disparos que vitimaram o arquiduque, foi imediatamente preso e identificado como integrante de um grupo nacionalista-terrorista, que teria ligações com o serviço secreto sérvio.

O governo austro-húngaro exigiu satisfações à Sérvia, por meio de um ultimato (23 de julho de 1914). Todas as exigências foram atendidas, exceto a de que tribunais e policiais austro-húngaros operassem em território sérvio, a fim de supervisionar o esclarecimento do crime e a punição dos culpados.

Diante da recusa dos sérvios em atender na plenitude o ultimato, o Império Austro-Húngaro declarou guerra ao Reino da Sérvia (28 de julho de 1914). Esta atitude fez desencadear o sistema de alianças pré-estabelecido. Os russos começaram a mobilizar seus exércitos, para apoiar os sérvios, e, em virtude disso, os alemães declararam guerra à Rússia (1º de agosto de 1914). Pouco depois, em 03 de agosto, os alemães declararam guerra também à França, que começava a se mobilizar, acusando-a de ter invadido o espaço aéreo germânico. Com esses fatos, iniciava-se a Primeira Guerra Mundial.

As declarações de guerra foram recebidas festivamente pelas populações de diversos países, impregnadas pelo espírito nacionalista. Para muitos, chegava a hora, há muito aguardada, de mostrar a superioridade de sua nação, de resolver antigas pendências e de levar a cabo antigas aspirações nacionais.

Esperava-se, de modo geral, que a guerra fosse curta. No máximo deveria

EUROPA DURANTE A GUERRA



ALIADOS
 POTÊNCIAS CENTRAIS
 PAÍSES NEUTROS

RECURSOS DOS PRINCIPAIS BELIGERANTES ÀS VÉSPERAS DA GUERRA

	GRÃ-BRETANHA	FRANÇA	RÚSSIA	ALEMANHA	AUSTRO-HUNGRIA
POPULAÇÃO	46.407.037	39.601.509	167.000.000	65.000.000	49.000.000
FROTA MERCANTIL (TON VAPOR LÍQUIDO)	11.538.000	1.098.000	486.917	3.096.000	559.784
NAVIOS DE GUERRA	64	28	16	40	6
SUBMARINOS	64	73	29	23	06
VALOR ANUAL DO COMÉRCIO EXTERIOR EM LIBRAS ESTERLINAS	1.223.152.000	424.000.000	190.247.000	1.030.380.000	198.712.000
PRODUÇÃO ANUAL DE AÇO (ton)	6.903.000	4.333.000	4.416.000	17.024.000	2.642.000
FERROVIAS (KM)	37.716	40.982	74.935	63.457	44.319
SOLDADOS DISPONÍVEIS PARA MOBILIZAÇÃO IMEDIATA	711.000	3.500.000	4.423.000	8.500.000	3.000.000

Fonte: *História do século 20*: 1914/1919. São Paulo: Abril, 1968. p.497.

prolongar-se até o Natal, pois os principais beligerantes confiavam em uma vitória rápida de suas forças armadas, as quais se preparavam havia um bom tempo.

A unidade base dos exércitos europeus era a divisão, com efetivo aproximado de dezesseis mil homens. Em caso de guerra, duas a cinco divisões constituiriam os corpos de exércitos (grande unidade de manobra), que, por sua vez, seriam reunidos em exércitos de campanha. Países como a Alemanha e a França estavam divididos em distritos militares, onde eram recrutados os contingentes para as divisões.

A mobilização de pessoal já treinado para o combate e dos meios necessários para a guerra (animais, suprimentos, armamentos e equipamentos) foi facilitada em países que tinham bons sistemas de comunicações e onde o serviço militar era obrigatório. Este era o caso da Alemanha onde, em questão de dias, aos oitocentos mil soldados da ativa juntaram-se mais três milhões de combatentes, constituindo-se rapidamente diversos exércitos de campanha. Tal medida, porém, não era executada de forma tão eficiente no vastíssimo Império Russo, que, embora tivesse uma reserva imensa de soldados, não possuía boas vias de transporte. Sendo assim, a mobilização geral russa demorou meses, tendo muitos homens se dirigido para o combate sem os equipamentos necessários.

Houve a preocupação, por parte dos comandantes militares, de fornecer a seus soldados uniformes que favorecessem à camuflagem. Uma exceção foi os franceses, cujos infantes entraram na guerra trajando calças vermelhas e sobretudos azul-marinho, logo substituídos por um uniforme cinza-azulado. Os soldados alemães vestiam fardas cinza-esverdeada, os austríacos, cinza, e os russos, verde-oliva.

Os soldados, em sua maioria, entraram na guerra bastante motivados, dispostos a defender o seu país. Tal fato, porém, não acontecia em estados multiétnicos, como o Império Austro-Húngaro, formado por austríacos, húngaros, tchecos, italianos, poloneses, romenos, croatas, eslovacos, que tinham suas próprias aspirações.

A instrução militar dos contingentes variava conforme o país, podendo ser rígida e minuciosa, no caso da Alemanha, ou insuficiente, como ocorria na Bélgica. De maneira geral, os comandantes davam atenção especial ao desenvolvimento das forças morais, pois esperavam que seus soldados avançassem resolutamente sobre o inimigo, mesmo estando sob intenso fogo.

Os exércitos estavam equipados com diversos tipos de armamentos para a guerra. Ao longo do conflito muitos deles foram aperfeiçoados e outros desenvolvidos.

Os fuzis eram de repetição e possuíam um alcance superior a dois mil metros. Dentre os mais utilizados podem ser destacados o Mauser Gewehr 98 (7,92mm, da Alemanha), o Lee-Enfield (7,7mm, da Grã-Bretanha), o Lebel (8mm, da França), o Mosin-Nagant (7,62mm, do Império Russo) e o Springfield (7,62mm, dos Estados Unidos).

As metralhadoras, que teriam um papel fundamental na guerra, pesavam de trinta a sessenta quilos, tinham alcance superior a dois mil metros e podiam disparar de trezentos a seiscentos tiros por minuto. As que mais se destacaram foram a Maxim

(7,92mm, da Alemanha), a Vickers (7,7mm, da Grã-Bretanha), a Hotchkiss (8mm, da França), a Maxim Sokolov (7,62mm, do Império Russo) e a Browning (7,62mm, dos Estados Unidos).

As artilharias possuíam diversos tipos de canhões, de variados calibres e poder de alcance. A artilharia alemã era a mais bem dotada de canhões de grosso calibre, contando em seu arsenal com um poderoso canhão denominado Kaiser Wilhelm Geschütz (conhecido também como Lange Max ou canhão de Paris), que tinha um calibre de 210mm e um alcance de 130 quilômetros.

Foram empregados durante a guerra muitos outros armamentos, entre eles lança-chamas, granadas, morteiros e canhões antiaéreos.

Os exércitos também possuíam equipamentos de comunicações (telefone, telégrafo e rádio, entre outros). Entretanto, mesmo passando por constantes aperfeiçoamentos, os equipamentos de comunicações não atenderam às necessidades das forças terrestres. Em alguns casos, falhas nas comunicações foram o motivo principal do malogro das operações.

Os beligerantes haviam também preparado planos detalhados para o conflito. Os franceses tinham o Plano XVII, que previa uma ofensiva direta, frontal, com todas as forças, pelo centro do dispositivo alemão, ao longo da fronteira franco-germânica.

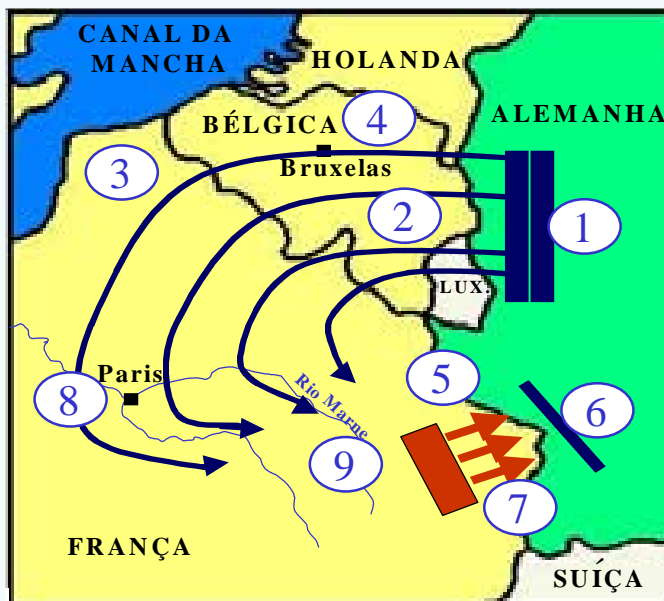
Os alemães esperavam colocar em prática um plano elaborado pelo conde Alfred von Schlieffen, um antigo Chefe do Estado-Maior, que morrera em 1912. O Plano Schlieffen, como era conhecido, previa uma luta em duas frentes, contra a França e contra o Império Russo. Para que o plano obtivesse êxito, os alemães rapidamente deveriam derrotar um dos inimigos, para, depois, com mais tranquilidade, combater o outro (isso evitaria o desgaste de se combater simultaneamente em duas frentes).

Schlieffen concluiu que seria melhor derrotar primeiramente a França, pois um ataque inicial à Rússia não traria uma vitória rápida (devido à vastidão de seu território). Acreditava Schlieffen, também, que, ao contrário da França, os russos demorariam a se mobilizar (devido ao seu precário sistema de comunicações), não ameaçando imediatamente a Alemanha.

Sendo assim, Schlieffen planejou que o grosso das forças alemãs deveria, com extrema rapidez, realizar uma manobra de flanco para derrotar a França. Enquanto isso, o restante do contingente alemão se deslocaria para o leste, a fim de deter uma possível ofensiva russa.

A Áustria pretendia empregar seus exércitos em cooperação com os alemães na frente oriental e em uma invasão à Sérvia. Os russos tinham como objetivos atacar a Alemanha pela fronteira noroeste (forçando-a a uma guerra em duas frentes) e invadir a Áustria e a Hungria. Os sérvios tinham apenas planos defensivos. Os britânicos estavam dispostos a mandar para o continente uma força expedicionária em apoio aos franceses.

PLANO SCHLIEFFEN - MANOBRA DE FLANCO SOBRE A FRANÇA

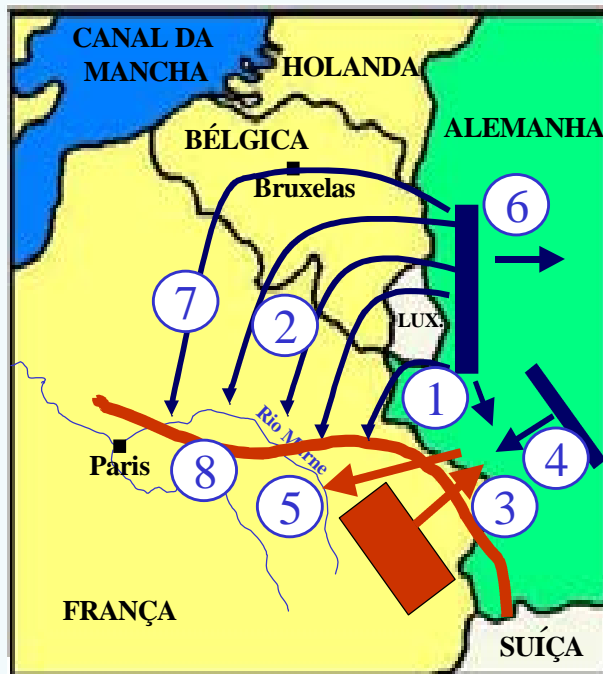


O grosso das tropas alemãs da frente ocidental (1) realizaria uma manobra de flanco (ação principal) (2) extremamente ampla pelo norte da França (3), passando pela Bélgica (4), já que a fronteira oriental francesa, de Luxemburgo à Suíça (5), estava muito fortificada. Paralelamente, o restante das tropas alemãs nesta frente (6), em uma ação secundária, deveria deter um possível ataque das forças francesas (7) na fronteira franco-germânica. O ataque principal alemão, depois de atingir o norte da França, deveria rumar para o sul, conquistar Paris (8) e, em seguida, convergir para o leste (9), a fim de atacar as tropas e fortificações inimigas pela retaguarda. O desfecho da guerra na frente ocidental não deveria durar mais de seis semanas (tempo que Schlieffen acreditava que a Rússia demoraria a mobilizar tropas suficientes para atacar a Alemanha). Após a vitória, as tropas designadas inicialmente para atacar a França deveriam ser deslocadas rapidamente para a frente oriental, a fim de derrotar os russos.

Em 3 de agosto de 1914, os alemães desencadearam o Plano Schlieffen, adentrando na Bélgica. A violação da neutralidade belga era um desrespeito a um tratado firmado em 1839 por prussianos, ingleses e franceses, e levou os ingleses a declarar guerra à Alemanha (4 de agosto). A Itália, que integrava a Tríplice Aliança, preferiu manter-se neutra. Definiam-se, então, os dois blocos que se oporiam durante a guerra: o dos Aliados (França, Inglaterra e Império Russo) e o das Potências Centrais (Impérios Alemão e Austro-Húngaro).

Coube ao general Helmuth J. L. Moltke, o moço, (sobrinho do conde von Moltke, herói das Guerras de Unificação da Alemanha) executar o plano Schlieffen. Isso foi feito de forma parcial, resultando em uma derrota alemã no rio Marne, fato que inviabilizou uma rápida vitória da Alemanha sobre a França.

EXECUÇÃO DO PLANO SCHLIEFFEN POR MOLTKE



Moltke alterou o Plano Schlieffen. A primeira mudança deu-se quando ele, preocupado com uma possível ofensiva francesa sobre território alemão, reforçou (1) o contingente da ala esquerda do dispositivo de ataque alemão (ação secundária) com elementos da ala direita (ação principal), o que enfraqueceu o poder de combate das tropas que desencadeariam o esforço principal.

Apesar da retirada de parte de seu poder de combate e da reação dos belgas que entraram na luta ao lado dos aliados, as forças encarregadas do ataque principal alemão abriram caminho pela Bélgica e penetraram em território francês (2). Enquanto isso, na fronteira franco-germânica, os franceses lançaram a ofensiva que haviam planejado, mas esta foi barrada pelos exércitos alemães (3).

Esta vitória sobre os franceses encorajou Moltke a ordenar um contra-ataque nesse setor (4). Tal medida estava em desacordo com o Plano Schlieffen, que previa apenas a fixação dos franceses nesse local. Pressionados, os franceses começaram a recuar (5), saindo da armadilha elaborada por Schlieffen.

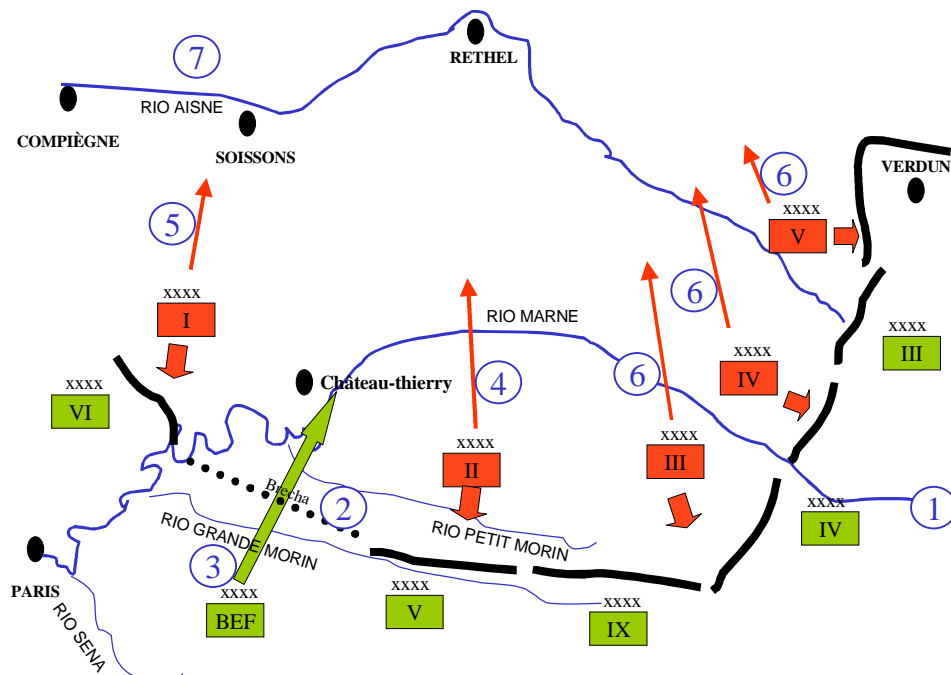
Entretanto, Moltke, perturbado por informações de que os russos desfeririam um ataque no leste da Alemanha (realizado antes do esperado pelos alemães), deslocou efetivos da ala direita (enfraquecendo esta ainda mais) para a Prússia Oriental (6) (modificando pela terceira vez o Plano Schlieffen).

No final de agosto, as forças alemãs que desencadeavam o ataque principal estavam a dois dias de marcha de Paris, mas encontravam-se exaustas. Faltavam-lhes suprimentos, equipamentos e as comunicações estavam precárias. Seus efetivos também estavam reduzidos, pois, como os franceses, os alemães não sabiam assaltar posições inimigas sem sofrer um grande número de baixas.

Em 1º de setembro de 1914, o general Alexander von Kluck, comandante do I Exército Alemão, que estava na extrema direita das forças que realizavam a ação principal (cuja missão era contornar Paris pelo oeste), ordenou que suas tropas convergissem para o sul do rio Marne, passando a leste de Paris (em desacordo com o Plano Schlieffen) (7). O comandante alemão esperava flanquear as tropas francesas que recuavam para o rio Marne.

Enquanto os alemães avançavam para o rio Marne, os franceses, já contando com apoio de forças britânicas, reagruparam-se ao sul deste rio (8) e iniciaram preparativos defensivos. Quando as forças se depararam ocorreu a Primeira Batalha do Marne, vencida pelos aliados. Fracassava, desse modo, o Plano Schlieffen.

A PRIMEIRA BATALHA DO MARNE



LEGENDA

<p>xxxx ■ EXÉRCITO ALIADO</p> <p>xxxx ■ EXÉRCITO ALEMÃO</p>	<p>→ ATAQUE BRITÂNICO</p> <p>→ ATAQUES ALEMÃES</p>	<p>→ RETIRADA ALEMÃ</p> <p>••• BRECHA</p>	<p>— RIOS</p> <p>— LINHA DE FRENTE</p>
---	--	---	--

De 5 a 12 de setembro de 1914, na frente ocidental, tropas aliadas (francesas e inglesas) enfrentaram forças alemãs em um embate que teria enormes repercussões no desenrolar da I Guerra Mundial. Os franceses eram comandados por Joseph J. C. Joffre, os ingleses por John D. P. French, e os alemães por Helmuth J. L. Moltke. Os aliados contavam com 6 exércitos, sendo 5 deles franceses (III, IV, V, VI e IX) e 1 britânico (Força Expedicionária Britânica - BEF), somando um número aproximado de 1.070.000 combatentes. Os alemães possuíam 5 exércitos (I, II, III, IV, V) e tinham um efetivo aproximado de 1.480.000 soldados. O VI e o IX Exércitos haviam sido recentemente criados por Joffre, o que proporcionou aos aliados superioridade em seu flanco esquerdo. Os contendores posicionaram seus exércitos ao longo do rio Marne (1). Os alemães, porém, ao ajustarem suas tropas, deixaram uma brecha entre os I e II Exércitos, na região de Château Thierry (2). Iniciados os combates, os aliados perceberam a brecha no dispositivo germânico. Imediatamente a BEF aproveitou-se da falha inimiga iniciando uma penetração (3) pelas linhas inimigas em Château Thierry. Se a penetração fosse bem sucedida, a BEF ficaria em condições de desbordar o I e II Exércitos alemães. Enquanto os britânicos avançavam vagarosamente, os exércitos franceses suportavam bem as investidas inimigas (foram reforçados no dia 7 de setembro por uma divisão apressadamente formada em Paris, que se juntou ao VI Exército Francês). Diante da possibilidade de ter suas forças desbordadas, o comandante do II Exército Alemão (von Büllow), resolveu retrair (4). O comandante do I Exército Alemão (Von Kluck), para não ficar isolado, fez o mesmo (5). Diante da situação, na tarde do dia 11, von Moltke ordenou que o III, o IV e o V Exércitos também se retirassem (6). No dia 12, os alemães estavam tomando posição ao norte do rio Aisne (7). Os aliados saíram-se vitoriosos no embate, livrando Paris da ocupação inimiga. Na batalha, os aliados sofreram aproximadamente 262.000 baixas (250.000 francesas e 12 mil britânicas), enquanto os alemães perderam cerca de 250.000 homens.

Após serem derrotadas no Marne, as tropas alemãs, seguindo ordem de Moltke, recuaram para o rio Aisne, na região da Picardia, perseguidas vagarosamente por forças inglesas e francesas extenuadas. A contraofensiva aliada não avançou muito, pois logo foi detida pelos alemães no Aisne (1ª Batalha do Aisne, de 13 a 28 de setembro de 1914).

Moltke, em virtude de haver sofrido um colapso nervoso e, também, por haver fracassado na aplicação do Plano Schlieffen, foi substituído pelo general Erich von Falkenhayn. Depois da Batalha do Aisne, os beligerantes, em batalhas sangrentas, procuraram alternadamente flanquear-se pelo norte, mas em virtude do equilíbrio de forças, as várias tentativas de ambos fracassaram, no episódio que ficou conhecido como a “Corrida para o Mar”.

No final de outubro, Falkenhayn lançou uma última ofensiva, que esperava ser decisiva, contra ingleses e franceses na região de Flandres. O comandante alemão almejava capturar áreas importantes da Bélgica e da França, de onde poderia, em melhores condições, voltar a ameaçar Paris. Desencadeada a ofensiva, os alemães ocuparam Antuérpia, mas fracassaram em penetrar nas principais linhas defensivas inimigas (1ª Batalha de Ypres, de 19 de outubro a 22 de novembro de 1914).

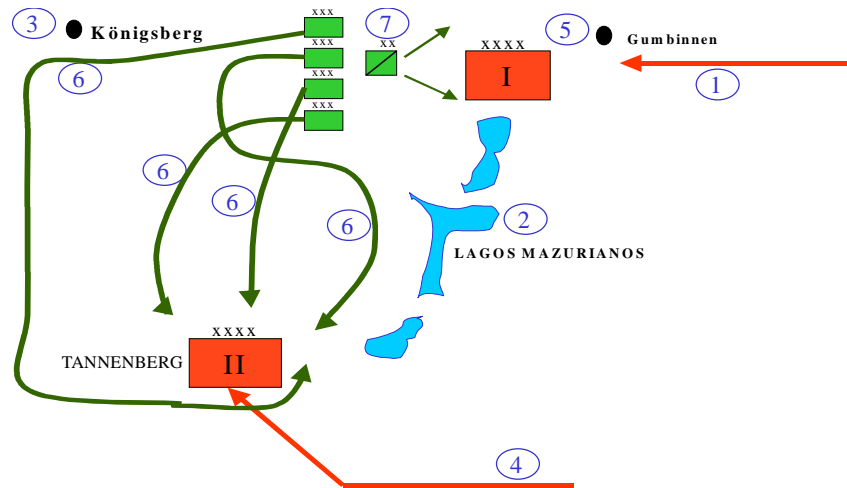
Em dezembro de 1914, os beligerantes da frente ocidental encontravam-se exaustos e sem suprimentos, tendo suas trincheiras se estendido da Suíça até o Canal da Mancha (Belfort a Ostende). Acabavam-se, com isso, as esperanças de que a guerra tivesse um fim breve. Passaram, então, os beligerantes a organizar as economias nacionais para fazer frente aos esforços de guerra.

Ao mesmo tempo em que desencadeavam seus ataques na frente ocidental, os alemães viram-se obrigados a resistir a uma ofensiva russa no leste (frente oriental). O ataque russo visava obrigar os alemães a combater em duas frentes, o que, em consequência, diminuiria a pressão alemã sobre os franceses. Em agosto de 1914, dois exércitos russos, comandados pelos generais Alexander Samsonov e Paul von Rennenkanpf, penetraram na Prússia Oriental.

Os generais russos, após uma modesta vitória em Gumbinnen (20 de agosto), sofreram desastrosas derrotas para tropas alemãs, comandadas pelo general Paul von Hindenburg, nas Batalhas de Tannenberg (26 a 30 de agosto de 1914) e 1ª dos Lagos Mazurianos (9 a 14 de setembro de 1914). Em consequência, a maior parte das tropas russas remanescentes da malograda ofensiva se retirou da Prússia, e as que permaneceram na região foram batidas pelos alemães na 2ª Batalha dos Lagos Mazurianos, em fevereiro do ano seguinte.

Nos meses de setembro e outubro de 1914, os alemães contra-atacaram e invadiram a Polônia, então território russo, com o objetivo de conquistar Varsóvia, mas fracassaram. Os russos, em resposta, lançaram uma nova ofensiva, agora na Silésia (sudeste da Alemanha), que também foi rechaçada pelos alemães.

A BATALHA DE TANNENBERG



LEGENDA

XXXX	EXÉRCITOS RUSSOS	→	AVANÇOS RUSSOS
XXX	CORPOS DE EXÉRCITO ALEMÃES	→	ATAQUES ALEMÃES
XX	CAVALARIA ALEMÃ		

Na Prússia Oriental, leste do Império Alemão, no início da guerra, os alemães contavam com cerca de 150 mil homens, os russos somavam 190 mil. Os russos, a pedido da aliada França (que fora maciçamente atacada pelos alemães), lançaram uma ofensiva sobre o leste da Alemanha com dois exércitos, o I e o II, comandados, respectivamente, por Paul von Rennenkampf e Alexander Samsonov. Os exércitos russos avançaram separadamente, sem comunicação entre si e de forma vagarosa. O I Exército Russo penetrou na Prússia Oriental (1), passou ao norte dos lagos Mazurianos (2) e tinha como objetivo principal conquistar a cidade de Königsberg (3). O II Exército penetrou pelo sul (4) dos lagos Mazurianos, visando convergir para o norte em direção a Königsberg. Se tudo ocorresse conforme o planejado, o VIII Exército Alemão, que defendia a Prússia Oriental, seria cercado e destruído pelos dois exércitos russos. O I Exército Russo obteve uma vitória pouco significativa sobre os alemães em Gumbinnen (20 de agosto) (5). Tal fato alarmou o comandante geral alemão Helmuth J. L. Moltke, que substituiu o comandante do Teatro de Operações Oriental, Maximilian von Prittwitz, por Paul von Hindenburg. Após a vitória em Gumbinnen, Rennenkampf não prosseguiu com suas ações. Ao perceber que o I Exército Russo não se movia, Hindenburg resolveu derrotar um exército russo de cada vez. Seguindo um plano elaborado pelo coronel Max Hoffmann, optou por atacar inicialmente o II Exército, que se encontrava desgastado por uma penosa marcha. Rapidamente as unidades do VIII Exército Alemão foram deslocadas por ferrovias em direção ao sul (6), onde cercaram o Exército de Samsonov em Tannenberg. Enquanto isso, a fim de dissimular o ataque principal, o comandante alemão manteve apenas uma divisão de cavalaria na frente do I Exército Russo (7). Após cercarem as tropas do II Exército Russo, os alemães passaram a batê-las com intensos fogos de artilharia. Surpreendidos, os soldados de Samsonov entraram em pânico, o que resultou, em 30 de agosto, na desintegração do II Exército Russo. Poucas unidades conseguiram sair do cerco alemão, tendo Hindenburg conseguido uma importante vitória. Depois, o I Exército Russo foi derrotado na Primeira Batalha dos Lagos Mazurianos (09 a 14 de setembro). Em Tannenberg, os alemães tiveram cerca de 20 mil baixas, os russos 30 mil (outros 95 mil russos foram feitos prisioneiros).

Paralelamente aos ataques no leste da Alemanha, quatro exércitos russos penetraram na Galícia (nordeste da Áustria-Hungria). Nos embates que se seguiram, os russos venceram os austro-húngaros na Batalha de Lemberg (8 a 12 de setembro de 1914), passando a ocupar extensa faixa dentro do território inimigo.

Nos Bálcãs, no dia 11 de agosto de 1914, os austro-húngaros lançaram uma ofensiva, esperando derrotar facilmente os sérvios e conquistar Belgrado. Os combates, no entanto, prolongaram-se, e, para agravar a sua situação, os austro-húngaros tiveram de transferir tropas para conter os russos que atacavam a Galícia. Aproveitando-se da diminuição do poder de combate dos austro-húngaros, no dia 3 de dezembro de 1914, em um ataque desesperado, os sérvios repeliram as forças invasoras para além do rio Danúbio.

Em outubro de 1914, os turcos, que tinham estreitas ligações com o Império Alemão, aliaram-se às Potências Centrais. Lançaram uma ofensiva sobre o Egito, protetorado inglês, e outra no Cáucaso, contra os russos, mas ambas fracassaram. A maior contribuição turca para o esforço de guerra das Potências Centrais, no entanto, foi o fechamento dos estreitos de Bósforo e Dardanelos à navegação dos aliados. Essa medida prejudicou enormemente o comércio exterior russo, dependente em grande parte dos portos do mar Negro.

Em resposta ao ataque turco, os britânicos lançaram, a partir do Egito e de Basra (sul do Iraque), ofensivas contra o Império Otomano. As tropas britânicas, entre sucessos e reveses e com apoio de árabes que viviam sob domínio turco, avançaram, nos anos seguintes, vagarosamente para o norte, rumo a Bagdá e a Jerusalém.

Logo no início da guerra, a Marinha Britânica iniciou um bloqueio naval à Alemanha, visando negar-lhe acesso a recursos vitais (alimentos e matérias-primas). Enquanto isso, na América Latina, em 1º de novembro de 1914, uma frota alemã, comandada pelo Vice-Almirante Graf Spee, conseguiu uma expressiva vitória sobre forças inglesas em Colômbia, na costa do Chile. Pouco tempo depois, porém, em 8 de dezembro de 1914, nas proximidades das ilhas Malvinas, a frota de Spee foi interceptada e destruída pela Marinha Britânica. Este fato asseguraria o controle dos oceanos pelos aliados durante o restante da guerra.

A parte principal da frota de superfície alemã, por sua vez, permaneceu durante quase toda a guerra em seus portos, pouco cooperando para o esforço militar de seu país. Somente em 1916, os receosos comandantes navais alemães decidiram medir forças com a Marinha Inglesa. No embate que se seguiu, nos dias 30 e 31 de maio, o maior da guerra, conhecido como Batalha de Jutlândia, os alemães levaram uma ligeira vantagem, mas, após a batalha, retornaram com seus navios para as suas bases, de onde não mais saíram.

O maior esforço naval alemão coube aos submarinos. Estes, no início do conflito, foram incumbidos de realizar uma “guerra submarina irrestrita”, ou seja, deve-

riam afundar todos os navios aliados e neutros que se dirigissem às ilhas britânicas. Com tal medida, os alemães pretendiam sufocar a economia britânica, impondo um bloqueio semelhante ao que a Marinha Britânica fazia ao Império Alemão. O afundamento de navios de países neutros, entretanto, levou estes a pressionarem o governo alemão, que suspendeu a ordem de se afundarem os navios de países que não participavam da guerra.

No Extremo-Oriente e na África, nos primeiros meses de guerra, os aliados tomaram as colônias alemãs. A única exceção ocorreu na África Oriental Alemã, onde o general alemão Paul von Lettow-Vorbeck, à frente de aproximadamente onze mil homens (a maioria nativos), resistiu até o final da guerra a cento e trinta mil soldados aliados, usando táticas de guerrilha.

O ano de 1915 se iniciou com o impasse na frente ocidental. Falkenhayn decidiu manter-se na defensiva neste setor e lançar grandes ofensivas no leste, onde as grandes extensões territoriais impediam uma guerra de trincheiras. Seu objetivo era colocar a Rússia fora da guerra, fato que liberaria forças alemãs e austro-húngaras para outras frentes.

Em maio, forças austro-húngaro-alemãs desencadearam ofensivas planejadas por Falkenhayn contra os russos em Gorlice-Tornow. As ofensivas das potências centrais obtiveram sucesso, permitindo-lhes reconquistar a Galícia, penetrar profundamente em território russo e ocupar Varsóvia. Somente em setembro, o avanço austro-húngaro-alemão foi detido em uma linha defensiva estabelecida pelos russos, que se estendia do mar Báltico aos Cárpatos (Riga a Czernowitz). Apesar dos reveses e das grandes perdas materiais e humanas, o Império Russo manteve-se firme na guerra, frustrando as expectativas iniciais germânicas.

No oeste, os alemães lançaram apenas uma ofensiva na região de Flandres (2ª Batalha de Ypres, de 22 de abril a 15 de maio de 1915), quando utilizaram experimentalmente gases venenosos que já haviam utilizado contra os russos em Bolinow, em janeiro de 1915. A surpresa decorrente do uso da nova arma não foi aproveitada pelos alemães e seu ataque foi barrado pelos aliados, que rapidamente tomaram medidas para resistir aos efeitos dos gases.

Por outro lado, na frente ocidental, os aliados lançaram ofensivas nas regiões de Artois (maio e setembro de 1915) e Champagne (setembro e outubro de 1915), com o objetivo de recapturar territórios franceses e belgas. Pouco terreno foi conquistado,

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

Quando a guerra se iniciou, o Brasil adotou uma posição de neutralidade. Em 1917, durante o governo de Venceslau Brás, diversos navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães. Esses ataques germânicos levaram o Brasil a declarar guerra às Potências Centrais (26 de outubro de 1917).

Tendo em vista contribuir para o esforço de guerra aliado, o governo brasileiro enviou uma missão médica à França e empenhou-se no sentido de fornecer matérias-primas e gêneros alimentícios aos aliados.

No campo militar, a Marinha Brasileira patrulhou o Atlântico; uma força naval juntou-se à Marinha Inglesa (não chegou a combater); e um grupo de aviadores e oficiais do exército integrou as forças armadas aliadas.

PRINCIPAIS OFENSIVAS E BATALHAS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL



ALIADOS
 POTÊNCIAS CENTRAIS
 PAÍSES NEUTROS

1914	1 - INVASÃO ALEMÃ À FRANÇA 2 - OFENSIVA RUSSA SOBRE A PRÚSSIA ORIENTAL 3 - OFENSIVA RUSSA NA GALÍCIA
1915	4 - CAMPANHA ALEMÃ DE GORLICE-TORNOW 5 - OFENSIVA ALIADA EM ARTOIS 6 - OFENSIVA ALIADA EM CHAMPAGNE 7 - OFENSIVA ALIADA EM GALÍPOLI 8 - OCUPAÇÃO DA SÉRVIA PELAS POTÊNCIAS CENTRAIS 9 - OFENSIVA ALEMÃ EM VERDUN
1916	10 - OFENSIVA ALIADA NO SOMME 11 - OFENSIVA DE BRUSILOV 12 - BATALHA NAVAL DE JUTLÂNDIA 13 - OFENSIVA DE NIVELLE
1917	14 - OFENSIVA ALIADA EM FLANDRES 15 - BATALHA DE CAPORETTO
1918	16 - OFENSIVA DA PRIMAVERA 17 - BATALHA DE VITTORIO VENETO

com grande número de baixas. Os fracassos levaram à nomeação de um novo comandante inglês para a Frente Ocidental, o general Sir Douglas Haig.

Os aliados resolveram lançar uma ofensiva nos Bálcãs em 1915, com a finalidade de colocar o Império Otomano fora da guerra e, dessa forma, desbloquear os portos russos do Mar Negro. O local escolhido foi a Península de Galípoli, onde tropas australianas e neozelandesas foram desembarcadas em 25 de abril, tendo em vista conquistar Istambul. O ataque aliado, porém, esbarrou em uma feroz resistência turca. A ofensiva estagnou-se e os combates tornaram-se semelhantes aos da frente ocidental. Depois de pesadas baixas de ambos os lados, sem esperança de vitória, os aliados evacuaram suas tropas da península em janeiro de 1916.

Em 23 de maio de 1915, a Itália entrou na guerra ao lado dos aliados, que lhe prometeram territórios da Áustria-Hungria. Até 1917, os italianos lançariam diversas ofensivas infrutíferas, com enorme número de baixas, sobre o sul do Império Austro-Húngaro. Este, já envolvido em difíceis lutas contra os russos e sérvios, permaneceu, na maior parte do tempo, na defensiva na frente italiana, protegido pelo terreno montanhoso e por boas posições.

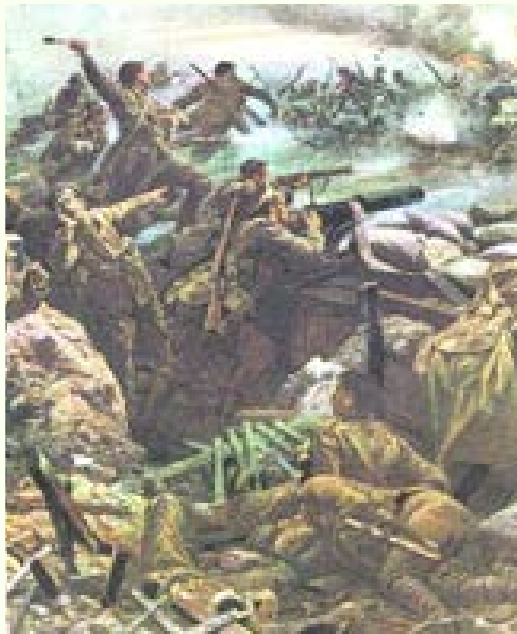
Em agosto de 1915, os búlgaros entraram na guerra, optando por se aliarem às potências centrais, que lhes prometeram terras macedônicas. Com apoio búlgaro, forças austro-húngaras e alemãs finalmente derrotaram e ocuparam a Sérvia. Os aliados tentaram socorrer os sérvios desembarcando tropas em Salônica, na Grécia (5 de outubro de 1915), mas estas, com pouco poder de combate, foram detidas pelos búlgaros. Os soldados remanescentes do Exército Sérvio retiraram-se para a Albânia, de onde seguiram para a ilha de Corfu, no mar Adriático, a fim de se reorganizarem.

Quando o ano de 1916 se iniciou, as nações beligerantes ainda estavam dispostas a fazer grandes esforços para alcançar a vitória. Falkenhayn tinha em mente lançar uma ofensiva na frente ocidental, com o objetivo de derrotar o Exército Francês através de uma “batalha de desgaste”. Para isso, ele tencionava atacar intensivamente um setor vital da linha francesa, para onde seriam atraídos os exércitos franceses e suas reservas, que em seguida, iriam ser destruídos por fogos de artilharia. Verdun foi o local escolhido, por permitir aos alemães concentrarem ao máximo sua artilharia contra os defensores e por ser uma cidade afetiva e estrategicamente muito importante para os franceses.

Em 21 de fevereiro de 1916, o ataque alemão teve início e, como esperado, os franceses resistiram. O general Henri Phillippe Pétain foi escolhido para liderar os exércitos que defendiam Verdun. Quando o combate se intensificou, o comandante alemão percebeu que não estava atingindo seus objetivos, pois suas tropas se enfraqueciam na mesma proporção com que desgastavam o inimigo.

Ao mesmo tempo em que os franceses resistiam em Verdun, os russos lançaram uma poderosa ofensiva sob o comando de general Alexei Alekseevich Brusilov. Esta não foi lançada em um setor restrito, como costumeiramente era feito, mas em um amplo

FORMA USUAL DE COMBATE NA GUERRA DE TRINCHEIRAS



ASSALTO ALEMÃO À TRINCHEIRA INGLESA

No início da guerra, os comandantes acreditavam resolutamente que a ofensiva móvel era superior à defesa estática. Devido a isso, optaram por lançar seus soldados sobre as posições inimigas sem se preocupar com o número de baixas.

Para romper as trincheiras, resolveram empregar a fórmula “a artilharia conquista, a infantaria ocupa”. Desse modo, inicialmente eram lançados pesados fogos de artilharia sobre as posições inimigas, a fim de destruí-las e eliminar seus ocupantes. Às vezes, as preparações levavam dias, como durante a Batalha de Verdun, quando os alemães lançaram vinte e dois milhões de granadas sobre as posições francesas. Em seguida, as divisões eram colocadas em linha e suas infantarias lançavam-se para conquistar os objetivos, já batidos pela artilharia, e abrir brechas no sistema defensivo adversário. Depois, caso os infantes obtivessem sucesso, a cavalaria seria lançada pelas brechas para aproveitar o êxito.

Tal processo de combate, no entanto, não surtiu os efeitos desejados, pois a artilharia mostrou-se incapaz de destruir totalmente as posições e os defensores inimigos. Em virtude disso, os infantes quando atacavam (normalmente vagarosamente e em formações emassadas), eram alvos dos fogos da artilharia e dos infantes inimigos, que, abrigados em posições fortificadas, os abatiam facilmente com fogos de metralhadoras e fuzis. O resultado, na maioria dos casos, era o malogro do ataque, ficando a cavalaria sem poder entrar em ação.

Por vezes, a infantaria conseguia abrir uma pequena brecha no dispositivo adversário, mas falhas rotineiras nas comunicações (os rádios eram pesados e não confiáveis, os telefones tinham suas linhas cortadas pelos fogos inimigos, muitos mensageiros eram mortos) impediam que os comandantes enviassem reservas para o local em tempo útil. Os defensores, pelo contrário, quando percebiam uma brecha em seu dispositivo, rapidamente deslocavam tropas reservas para o setor ameaçado. O rápido emprego das reservas por parte dos defensores, nos locais e momentos adequados, era facilitado pelos prolongados fogos de artilharia do atacante, que denunciavam o local da ofensiva. Por isso, os infantes que conseguiam se apossar de um pequeno trecho da linha inimiga ficavam isolados, incapazes de resistir a uma contraofensiva.

Com o passar do tempo, os defensores passaram a construir segundas posições, o que dificultou mais ainda as ações ofensivas. Em suma, o fogo prevalecia sobre o movimento.

ARMAS DA GUERRA

O AVIÃO



O potencial bélico do avião, inventado no início do século XX, foi logo percebido pelos comandantes militares. No início da guerra, as aeronaves eram frágeis e utilizadas apenas em missões de reconhecimento e bombardeio. Entretanto, os beligerantes sentiram a necessidade de possuírem a supremacia aérea nos campos de batalha, surgindo, em decorrência, aviões de combate (caças), armados com metralhadoras, que passaram a duelar nos ares.

Entre outros modelos, os alemães empregaram o bombardeiro Gotha G IV e o Caça Fokker D VII; os franceses, o bombardeiro Caudron R-11 e o caça SPAD XIII; e os ingleses, o bombardeiro Handley Page V/1500 e o caça Bristol F.2b.

Os alemães também fizeram uso de enormes balões dirigíveis (zepelins) para bombardear o inimigo. Mas, por serem inflados com hidrogênio, os aerostatos eram muito vulneráveis à artilharia e aos projéteis incendiários dos caças inimigos.

O CARRO-DE-COMBATE

Tendo em vista romper o impasse na frente ocidental, os aliados resolveram desenvolver um veículo blindado capaz de penetrar nas defesas adversárias.

Os ingleses construíram o Mark IV, cujas principais características eram a guarnição de 8 homens (comandante, motorista, 2 orientadores e 4 artilheiros); peso de 28,5 toneladas; à gasolina; velocidade máxima de 5,6 km/h; autonomia de 56 km; dois canhões de 57mm e 4 metralhadoras de 7,7mm; blindagem com 16mm (frente), 12mm (lados) e 8 mm (teto). Os franceses desenvolveram o Renault FT-17 e o Schneider CA 1, similares ao Mark IV.



Os franceses utilizaram os carros-de-combate como artilharia de apoio, enquanto os ingleses os usaram em apoio à infantaria. Os alemães não priorizaram a fabricação de carros-de-combate, dando preferência às armas anticarro.

Embora causassem surpresa ao inimigo, muitos carros-de-combate tiveram problemas mecânicos, caíram em valas ou atolaram quando empregados, não tendo um papel decisivo no desfecho da guerra.

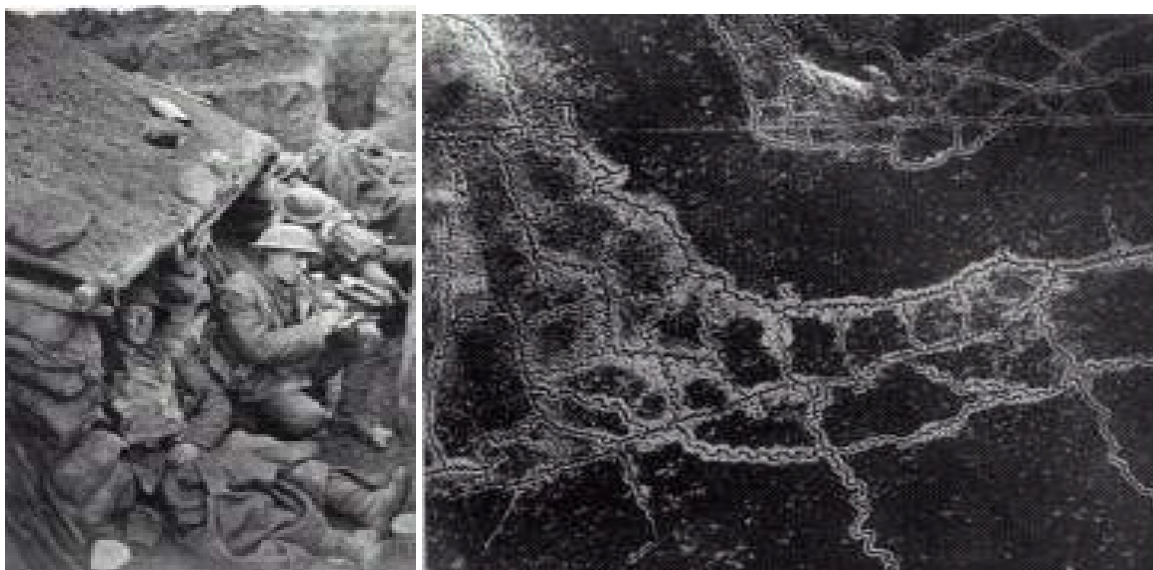
setor da frente oriental. Apesar do enorme número de baixas russas, o plano de Brusilov obteve êxito, tendo suas tropas avançado cerca de cinquenta quilômetros em toda a área atacada. Paralelamente, os ingleses realizaram ofensivas na região da Picardia (Somme - julho a novembro de 1916), onde empregaram, pela primeira vez, alguns carros-de-combate. Mesmo surpresos diante da nova arma inimiga, os alemães reagiram, e a ofensiva britânica não atingiu os resultados esperados. O esforço inglês, juntamente com a ofensiva de Brusilov, serviram para aliviar a pressão dos alemães sobre os franceses em Verdun.

A partir de julho de 1916, os alemães passaram a transferir tropas de Verdun para o Somme, onde eram atacados pelos ingleses, o que indicava que o plano de Falkenhayn de destruir o Exército Francês em Verdun fracassara (os combates nessa região prosseguiram com menos intensidade até dezembro de 1916, quando as perdas humanas, entre mortos e feridos, contavam 362.000 franceses e 336.000 alemães). Em virtude do revés em Verdun, Falkenhayn acabou substituído pelo general von Hindenburg (29 de agosto de 1916).

Nos Bálcãs, em agosto de 1916, os romenos aderiram aos aliados (27 de agosto), que lhes prometeram territórios austro-húngaros. A Romênia, no entanto, estava em uma posição estratégica delicada, pois fazia fronteira com a Bulgária e o Império Austro-Húngaro. Os romenos lançaram uma ofensiva sobre o Império Austro-Húngaro, mas tropas dos países centrais rapidamente contra-atacaram e ocuparam quase toda a Romênia.

No início de 1917, os fracassos das ofensivas já começavam a desestruturar as instituições dos países beligerantes e a abalar o moral dos civis e dos combatentes. Isso ocorria porque nas rotineiras batalhas infrutíferas, o número de mortos e feridos era contado na casa dos milhares (no primeiro dia da ofensiva do Somme, os britânicos tiveram 57.470 baixas). Mesmo assim, os aliados e os alemães tinham expectativas

TRINCHEIRAS



de encerrar a guerra na frente ocidental nesse ano. O general Robert Nivelle, nomeado comandante geral do Exército Francês, marcou uma grande ofensiva para o início da primavera. Os britânicos, da mesma forma, esperavam lançar potentes ataques. Já o general Hindenburg chegara à conclusão de que a guerra de atrito beneficiava os aliados, que possuíam maiores recursos, portanto os alemães deveriam manter-se momentaneamente na defensiva.

Nivelle lançou sua ofensiva em “Chemin des Dames”, no Aisne, mas os alemães estavam preparados. Teve início, então, a 2ª Batalha do Aisne (16 de abril a 9 de maio de 1917), na qual os franceses foram repelidos, com grande quantidade de baixas. O fracasso ocasionou grandes descontentamentos, levando muitos soldados, esgotados pelos esforços de guerra, a amotinar-se. Eles não queriam mais participar de ações ofensivas, embora se mostrassem dispostos a lutar defensivamente.

Nivelle foi destituído do comando em 15 de maio de 1917, sendo substituído por Pétain. O novo comandante atendeu muitas das reivindicações da tropa, reconquistando a confiança dos soldados. O Exército Francês, porém, foi mantido na defensiva até que recobrasse o ânimo. Os ingleses, ao contrário, realizaram novas ofensivas na região de Artois (Batalha de Arras, de 9 de abril a 16 de maio de 1917), na região de Flandres (3ª Batalha de Ypres, de 31 de julho a 6 de novembro de 1917), e na região de Nord-Pas-de-Calais. Na ofensiva em Nord-Pas-de-Calais, na Batalha de Cambrai (25 de novembro a 6 de dezembro de 1917), os britânicos empregaram em massa cerca de duzentos carros-de-combate. Tal medida, contudo, não lhes trouxe resultados expressivos.

Os aliados ganharam pouco terreno em suas ofensivas e tiveram um grande número de baixas. Os alemães também sofreram duras baixas e o desgaste de seu exército passou a preocupar o alto comando. Com o fracasso das operações, o impasse na frente ocidental continuava quando o ano de 1917 terminou.

Na frente italiana, em outubro de 1917, os países centrais, empregando novos processos de combate ofensivo (infiltração tática e grupos de assaltos), lançaram uma grande ofensiva, fazendo a linha defensiva italiana ceder (Batalha de Caporetto, de 24 de outubro a 29 de novembro). Os italianos foram obrigados a recuar 110 quilômetros até o rio Piave, onde, com apoio de franceses e britânicos, detiveram o inimigo.

Também em 1917 aconteceram fatos importantes para o desfecho da guerra. Em 31 de janeiro, o governo alemão lançou mão de forma irreversível da “guerra submarina irrestrita”. O resultado não foi o esperado, já que a economia britânica resistiu, e o afundamento de navios norte-americanos levou a opinião pública dos Estados Unidos a se voltar contra a Alemanha. O governo norte-americano, influenciado ainda por uma forte parceria econômica com as nações aliadas, declarou guerra à Alemanha (6 de abril). O Exército Norte-Americano, porém, não estava preparado para um confronto em larga escala. Desse modo, sua presença na frente ocidental, sob o comando do general John Pershing, só seria sentida efetivamente no ano seguinte.

A REVOLUÇÃO RUSSA

No início do século XX, intensificou-se uma crise político-econômico-social há muito presente no Império Russo. As péssimas condições de vida de operários e camponeses, a derrota na Guerra Russo-Japonesa e a propagação de ideias revolucionárias minavam o poder autocrático do czar Nicolau II.

Quando a I Guerra Mundial teve início, o soberano russo conseguiu unir a nação em torno de uma causa comum: vencer as Potências Centrais. A prometida vitória, porém, não veio, apesar dos esforços materiais do governo e da tenacidade dos soldados, que morriam aos milhares na frente de combate.

Os insucessos nos campos de batalha somaram-se à falta de alimentos e às agitações populares, criando um ambiente de descontentamento geral. Em março de 1917, o czar, pressionado, abdicou, e o Império Russo foi dissolvido. O governo na Rússia passou a ser exercido por uma coalizão de socialistas moderados (mencheviques) e burgueses liberais. O líder do novo governo, Aleksander Kerenski, manteve a Rússia na guerra.

Novos fracassos militares, no entanto, aumentaram a crise interna e esfacelaram as instituições russas. Aproveitando-se disso, em novembro de 1917, socialistas radicais (bolcheviques) assumiram o poder. Os bolcheviques retiraram a Rússia da guerra, venceram seus inimigos internos em uma guerra civil e fundaram, em 1922, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o primeiro Estado de caráter socialista da História.

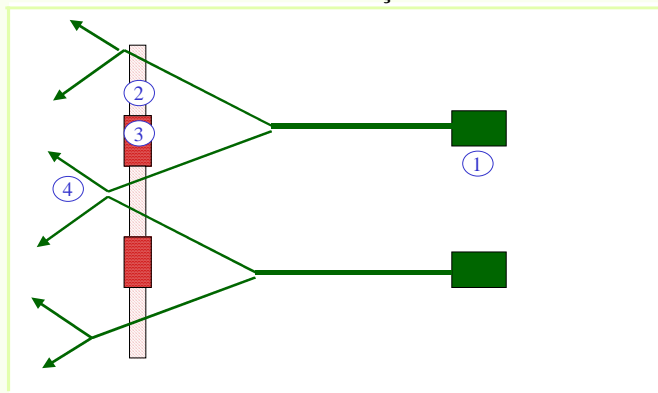
Na Rússia, desgastes ocasionados pela guerra somaram-se a crises internas, provocando a Revolução de Fevereiro. O czar foi obrigado a abdicar, sendo sucedido por Aleksander Kerenski, líder de um governo provisório. Kerenski optou por manter a Rússia na guerra e por lançar uma grande ofensiva contra os alemães, sobre a qual se depositaram enormes expectativas de vitória.

O ataque, entretanto, fracassou, provocando a desagregação do Exército Russo. Soldados passaram a desertar, pilhando o que encontravam em seu retorno para casa. Aproveitando-se da situação, revolucionários bolcheviques assumiram o poder (Revolução de Outubro). Os novos líderes retiraram a Rússia da guerra, assinando com os alemães, em 3 de março do ano seguinte, o desvantajoso Tratado de Brest-Litovsk, pelo qual cediam muitos territórios e importantes áreas industriais e agrícolas à Alemanha.

Ainda em 1917, a Grécia, que esperava apossar-se de territórios turcos, juntou-se aos aliados.

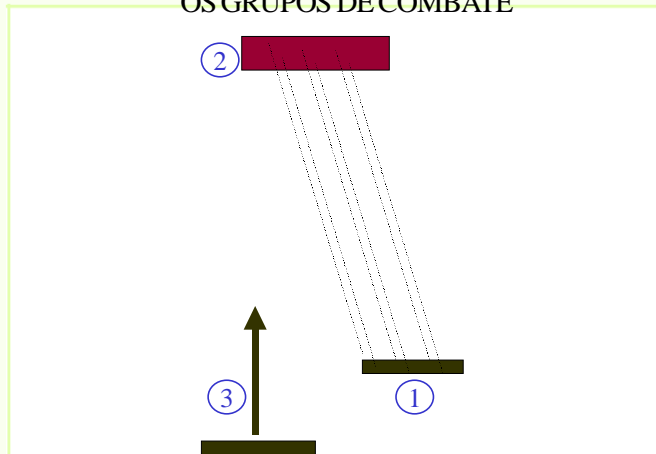
Em 1918, os alemães decidiram lançar uma ofensiva decisiva com todos os seus meios na Frente Ocidental, para acabar de vez com a guerra. Vários motivos levavam os comandantes alemães a optarem por esta linha de ação: suas tropas momentaneamente dispunham de superioridade numérica na frente ocidental (208 divisões contra 179 aliadas), graças aos efetivos liberados da frente oriental devido à saída da Rússia da guerra; a economia alemã, devido ao esforço de guerra e ao bloqueio naval

PROCESSOS DE COMBATE A INFILTRAÇÃO TÁTICA



Em uma ação ofensiva, tipo “infiltração tática”,³⁴ não havia uma longa preparação de artilharia, para que o local do ataque não fosse denunciado. As unidades do primeiro escalão de ataque deslocavam-se para as suas posições de partida durante a noite, pouco tempo antes do momento marcado para o início das ações. A artilharia fazia, então, se fosse o caso, uma breve mas intensa preparação de fogos. Em seguida, as unidades do primeiro escalão (1) infiltravam-se através dos pontos fracos do dispositivo do adversário (2), ultrapassando os pontos fortes (3), que só posteriormente deveriam ser destruídos por elementos do segundo escalão ou da reserva. Os elementos do primeiro escalão de ataque conduziam armas coletivas leves (metralhadoras e morteiro leves) e eram apoiados em sua progressão por uma barragem rolante de artilharia (ocorria uma sincronização entre os fogos de artilharia e o avanço da infantaria). Os elementos do primeiro escalão de ataque, uma vez infiltrados, atuavam na retaguarda inimiga (4), desestabilizando o sistema defensivo adversário, com vistas a enfraquecer os pontos fortes inimigos. A reserva era empregada no aproveitamento do êxito e não para a correção de falhas, como então era habitual.

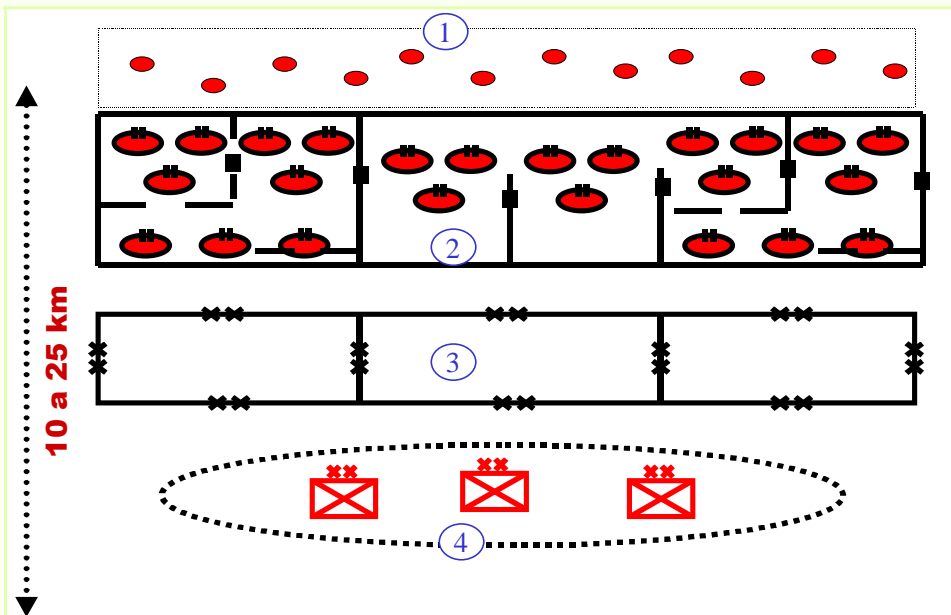
OS GRUPOS DE COMBATE



Com o advento, no século XIX, das armas de fogo de tiro rápido e longo alcance, as infantarias passaram a sofrer grande número de baixas ao assaltar uma posição defensiva. Isto ocorria porque os infantaria, ao atacar, grupados em formações compactas, ficavam muito tempo expostos aos fogos inimigos. A infantaria, portanto, não sabia progredir no terreno combinando adequadamente o fogo e o movimento. Nos primeiros anos da Primeira Guerra Mundial, este problema persistiu, sendo um dos motivos do elevado número de baixas do conflito. No final da guerra, a combinação do fogo e movimento foi resolvida pelos alemães, que passaram a diluir suas formações. As frações alemãs foram divididas em grupos de combate (célula de infantaria), que atuavam se apoiando. Durante a progressão rumo à posição inimiga (2), um grupo avançava realizando lanços (movimento) (3), enquanto o outro, abrigado, o apoiava, disparando sobre o inimigo (fogo) (1). Depois as funções eram invertidas e o processo repetido, até que os grupos chegassem à posição inimiga.

³⁴ A “infiltração tática” usada pelos alemães na I Guerra Mundial não tem qualquer relação com o conceito de “infiltração tática” da atual doutrina brasileira.

PROCESSOS DE COMBATE: DEFESA EM PROFUNDIDADE



Durante a guerra, os beligerantes aperfeiçoaram seus sistemas defensivos. As formações lineares de pouca profundidade, características dos primeiros tempos da guerra, foram substituídas por um dispositivo no qual a infantaria era escalonada em profundidade (não mais em linhas contínuas). Assim, a conquista pelo atacante das partes mais avançadas do sistema defensivo não constituía uma brecha, como anteriormente, e, por conseguinte, só parcialmente infligia danos ao conjunto da defesa. O dispositivo defensivo passou a corresponder a uma zona fortificada de 10 a 25 km de profundidade, sendo a defesa efetuada nessa zona. A frente do dispositivo defensivo ficavam postos avançados (1), com fraco poder de combate, mas bem apoiados por fogos de artilharia, que tinham a missão de detectar ações inimigas e repeli-las, se estas fossem de pequena monta. Logo depois era estabelecida a “posição de resistência” (2), dotada da maior parte dos meios, que tinha a missão principal de defesa. À retaguarda da “posição de resistência” era disposta uma segunda posição defensiva (3). Finalmente, atrás da segunda posição defensiva, eram posicionadas tropas reservas (4) para apoiar, se fosse o caso, as ações defensivas ou realizar contra-ataques. Trincheiras defensivas e de ligação, espaldões e abrigos de diversos tipos, flanqueavam-se e cobriam-se mutuamente. Redes de arame farpado e obstáculos batidos por fogos de armas automáticas as protegiam. Localidades e bosques eram organizados como pontos de apoio. Tudo isto constituía um sistema de defesa, que seria potente sem ser rígido.

FRENTE OCIDENTAL

CAMPO DE BATALHA



CANHÃO DE LONGO ALCANCE ALEMÃO

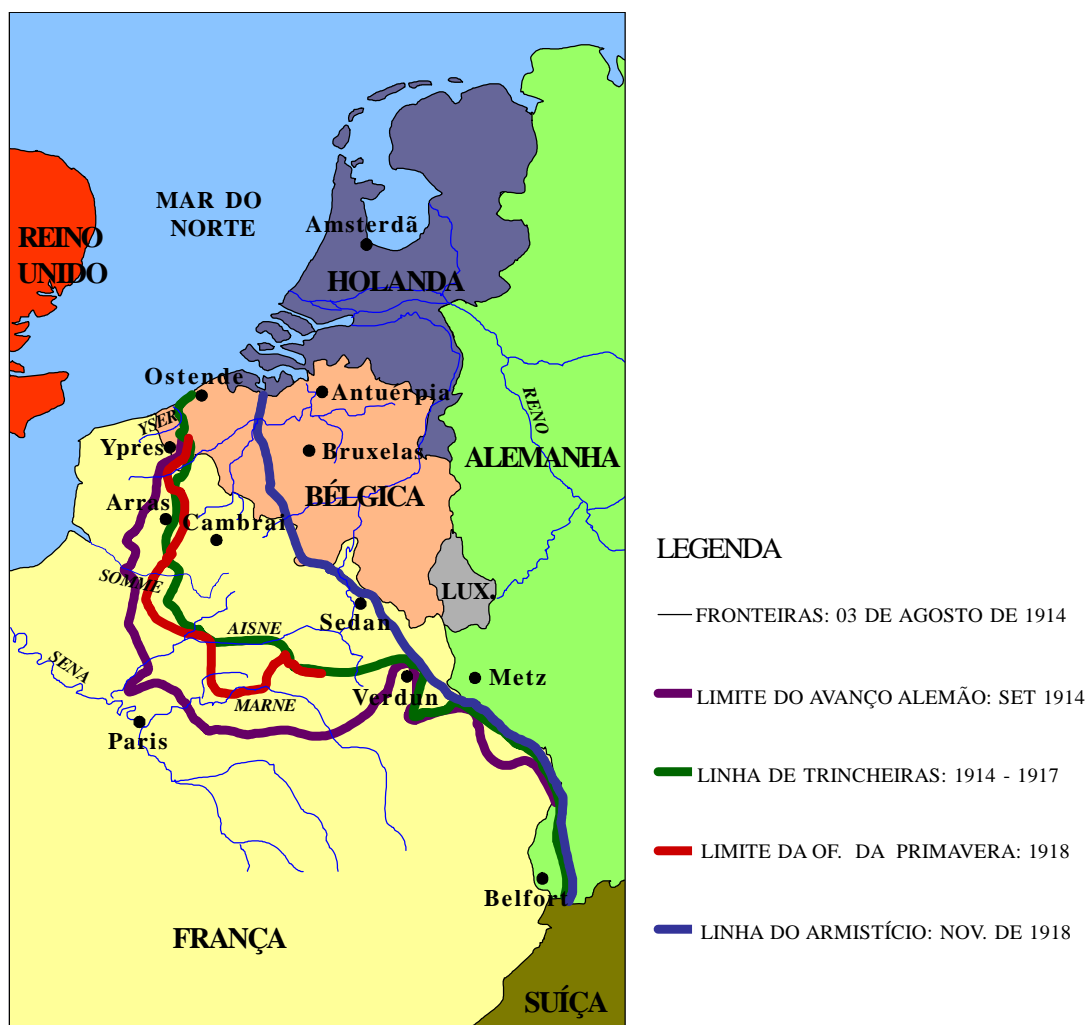


britânico, estava entrando em colapso, com repercussões danosas para a ordem política e social; os novos métodos de combate alemães, testados em Caporetto, haviam surtido bons resultados; e a crescente presença norte-americana na frente ocidental, em recursos e homens, indubitavelmente, faria a vitória pender para os aliados a curto prazo.

O ataque que decidiria a sorte da Alemanha na guerra (ofensiva da primavera) foi lançado em 27 de março de 1918. Apesar de sucessos iniciais, as tropas alemãs foram detidas de forma decisiva na 2ª Batalha do Rio Marne (15 de julho a 6 de agosto). Derrotados, os alemães recuaram para uma linha, denominada Hindenburg. Restava, agora, aos germânicos somente as alternativas de se manter na defensiva ou de procurar a paz.

Nos meses de setembro a novembro de 1918, os aliados passaram a pressionar seus inimigos em todas as frentes. No Oriente Médio, os turcos, após perderem o controle sobre as cidades de Jerusalém, Bagdá e Damasco, solicitaram o armistício (30 de outubro). Na frente italiana, o Império Austro-Húngaro pediu a suspensão das hosti-

FRENTE OCIDENTAL, 1914-18



lidades, após ser derrotado pelos italianos na Batalha de Vittorio Veneto (23 de outubro a 3 de novembro). Nos Bálcãs, a Bulgária também resolveu entrar em negociações. Na frente ocidental, os aliados, fazendo uso de centenas de carros-de-combate, obrigaram os alemães a recuar e romperam a linha Hindenburg (27 a 30 de setembro).

Isolado, esgotado material e moralmente, o Império Alemão começou a se desestruturar. Irromperam motins na Marinha e agitações populares agravaram a situação. O Kaiser Guilherme II, ao perder o apoio do exército, abdicou dando ensejo à instauração de uma república. Os novos governantes, sem esperança de vitória, procuraram os aliados para firmar um armistício, que foi assinado em Compiègne (11 de novembro), pondo fim às hostilidades.

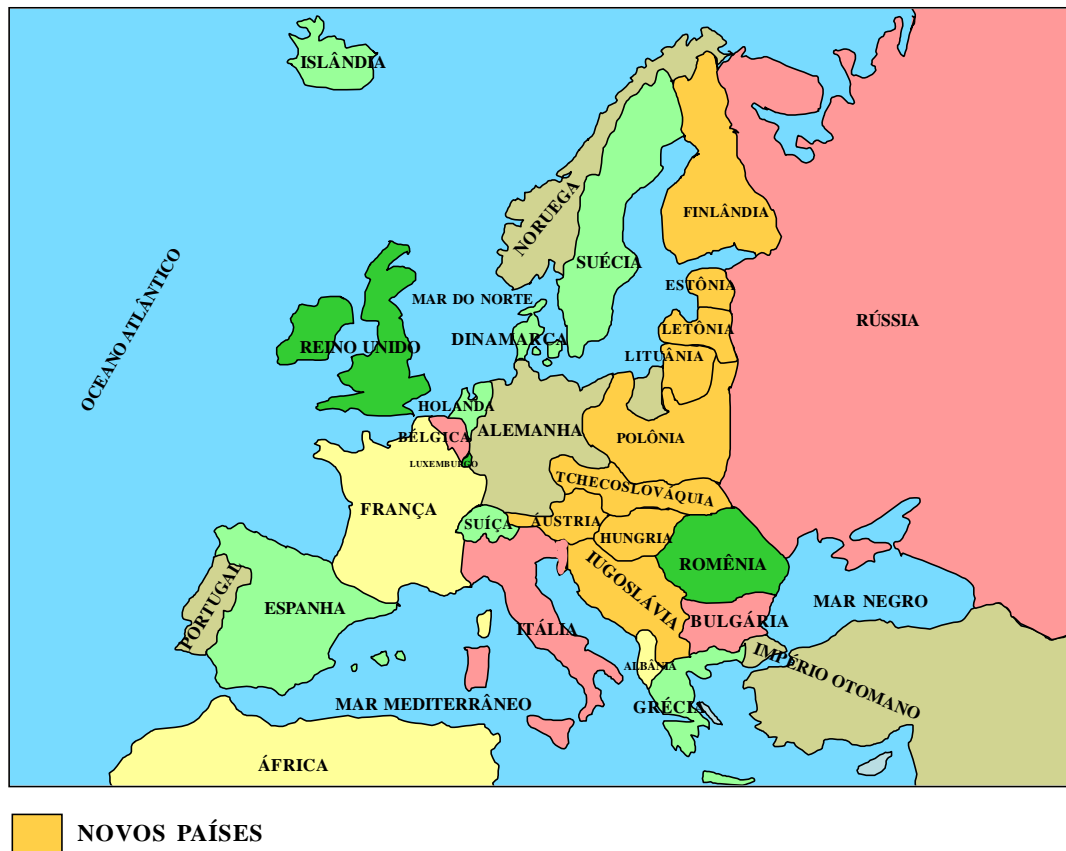
Ao armistício seguiram-se, em janeiro de 1919, na cidade de Paris, conferências de paz, profundamente influenciadas pela França, Inglaterra e Estados Unidos. As conversações tinham como objetivos principais redesenhar o mapa europeu, atendendo aos interesses das diversas nacionalidades (basicamente, a constituição de Estados-nações étnico-linguísticos), e enfraquecer a Alemanha e o governo bolchevique recém-instalado na Rússia.

Com o governo alemão foi firmado o Tratado de Versalhes, segundo o qual, territorialmente, a Alemanha cedeu a Alsácia-Lorena à França; Eupen-Malmédy à Bélgica; a maior parte da província de Posen (“corredor polonês”) à Polônia; o Schleswig do norte à Dinamarca; Memel à Lituânia; suas colônias à França, Inglaterra, Japão e África do Sul; e, ainda, a cidade de Dantzig foi transformada em cidade livre. Economicamente, os alemães tiveram de ceder a Bacia do Sarre (rica em carvão) à exploração francesa por quinze anos, entregar as jazidas carboníferas da Alta Silésia à Polônia e passar boa parte de seus navios mercantes e locomotivas às potências aliadas. Financeiramente, foram confiscados todos os investimentos e bens alemães no estrangeiro (nacionais ou privados) e uma Comissão de Reparação foi designada para avaliar o montante a ser pago pelo governo alemão aos aliados, a título de reparação de guerra (calculado em 132 bilhões de marcos). Militarmente, a Renânia foi desmilitarizada; a Marinha Alemã foi proibida de possuir encouraçados e submarinos; o Exército não poderia ter efetivo superior a cem mil homens, além de ficar proibido de equipar-se com carros-de-combate, caminhões pesados e artilharia antiaérea; e a força aérea devia ser extinta. A maior humilhação imposta à Alemanha, entretanto, foi uma cláusula moral, na qual os aliados, mediante ameaça de ocupação, obrigaram os alemães a assumir a culpa pelo desencadeamento da guerra.

O Tratado de Saint-Germain, firmado entre os aliados ocidentais e o recém-instituído governo austríaco, determinou a dissolução do Império Austro-Húngaro, cujas partes deram origem a novos países (Áustria, Hungria e Tchecoslováquia) ou foram cedidos à Itália, Polônia, Romênia e Iugoslávia. A Áustria também foi proibida de unir-se, política ou economicamente, à Alemanha.

Com a Hungria foi assinado o Tratado de Trianon, pelo qual os húngaros

EUROPA EM 1919



cederam territórios à Romênia, Iugoslávia e Tchecoslováquia, perdendo o acesso que tinham ao mar.

Ao Império Otomano, que em 1923 deixaria de existir, foi imposto o Tratado de Sèvres, pelo qual os turcos perdiam a Palestina, a Síria, o Líbano, a Mesopotâmia e a Esmirna (recuperada, pouco tempo depois, pelos turcos em uma guerra contra a Grécia). Os estreitos de Bósforo e dos Dardanelos foram declarados neutros, sendo sua travessia permitida a todos os navios estrangeiros, mercantes ou de guerra, em quaisquer circunstâncias.

A Rússia, governada pelos bolcheviques, vista com desconfiança pelas nações vencedoras, perdeu grandes extensões territoriais. Dos antigos domínios do czar originaram-se quatro novos Estados: Finlândia, Letônia, Estônia e Lituânia. Além disso, os russos cederam grande parte do território que deu origem à Polônia e perderem a Bessarábia para a Romênia.

Uma “grande Sérvia” foi formada com o nome de Iugoslávia (eslavos do sul), abrangendo a Sérvia, Montenegro, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Dalmácia e parte da Macedônia.

As potências vencedoras esperavam que os tratados impostos aos derrotados evitassem um novo conflito, pois a guerra trouxera consequências catastróficas para os principais países europeus. Dentre estas, a queda de três impérios tradicionais (Alemanha, Austro-Húngaro e Russo); e a morte de cerca de oito milhões de soldados (outros vinte milhões ficaram feridos) e de aproximadamente doze milhões de civis (em virtude da falta de alimentos, epidemias e massacres). Também obrigou os governos a despenderem recursos vultosos, muito acima de sua capacidade, o que fez com que dívidas nacionais aumentassem e sistemas monetários entrassem em crise; e arruinou economias nacionais, devido à destruição de grande número de indústrias, campos agrícolas e navios mercantes.

Tais consequências refletem o caráter total da Primeira Guerra Mundial, travada até as últimas forças por governos cientes de que o resultado final do embate poderia significar a própria sobrevivência dos seus estados.

Nos combates, foram utilizados todos os meios possíveis para superar o inimigo, mesmo os de uso controverso, como o afundamento de navios de passageiros, bombardeios de cidades e uso de gases venenosos. Os esforços de guerra nacionais implicaram em ampla mobilização das populações (os homens capazes iam para a frente de combate, enquanto as mulheres os substituíam nos campos e fábricas) e das economias (direcionadas para a produção de alimentos, suprimentos e armamentos). O conflito foi tridimensional (ocorreram combates no mar, ar e terra) e psicológico (bloqueios econômicos e propagandas realizados para abater as forças morais do inimigo).

Ao término da guerra, os países europeus, mesmo os vitoriosos, estavam enfraquecidos. Perderam espaço para os Estados Unidos, que se tornaram, indiscutivelmente, a maior potência econômica mundial. Um órgão internacional, denominado Liga das Nações, foi criado para promover a cooperação e manter a paz mundial, embora não viesse a se mostrar à altura de sua missão.